



**LA SALETTE LOUREIRO** é investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades, da Universidade Nova de Lisboa. Fez Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, na Universidade de Coimbra, e Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, na Universidade Nova de Lisboa, onde iniciou Tese de Doutoramento sobre Nuno Bragança. Publicou “A Cidade em Autores do Primeiro Modernismo. Pessoa, Almada e Sá-Carneiro”, assim como vários artigos em livros e revistas literárias, em Portugal, Brasil, Espanha e Itália. Participa regularmente em vários Congressos e Colóquios sobre diversos temas literários, em Portugal e no estrangeiro. As suas áreas de investigação são Modernismo e Vanguardas, o tema Cidade e espaço na Literatura. Nos últimos anos dedicou uma atenção particular ao estudo da obra de Nuno Bragança, reunindo vários ensaios, artigos e conferências no volume “Nuno Bragança – Mudar a Vida, Transformar o Mundo” (Edições Esgotadas, Abril de 2024).

Nuno Bragança, nascido a 12-2-1929 em Lisboa, cidade onde morreu prematuramente em 7-2-1985, aos 55 anos, deixou-nos com o sentimento da sua falta e com a certeza de que a sua voz muito teria a dizer sobre o mundo actual. Em todo o caso, o que deixou escrito permite captar as suas ideias sobre diversos assuntos que são hoje dramaticamente actuais e que a sua escrita já registou. Com efeito, através da sua escrita literária, Nuno Bragança abordou temas intemporais e universais, como a busca da autenticidade pessoal, a realização plena do ser humano, a construção de uma sociedade livre e justa, a preservação do planeta. Desta forma, é de facto um escritor contemporâneo, no sentido definido por Giorgio Agamben, porque sabendo interpretar o seu tempo, esteve muito para além dele, sendo, por isso, contemporâneo, porque intemporal, como disse Roland Barthes.

La Salette Loureiro, in *Nuno Bragança – Mudar a Vida, Transformar o Mundo*, Edições Esgotadas, 2024.



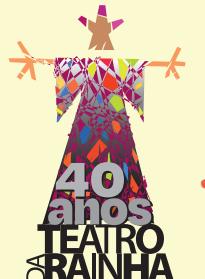
**POESIA  
NO TEATRO**  
PROGRAMA ELABORADO POR  
**HENRIQUE FIALHO**

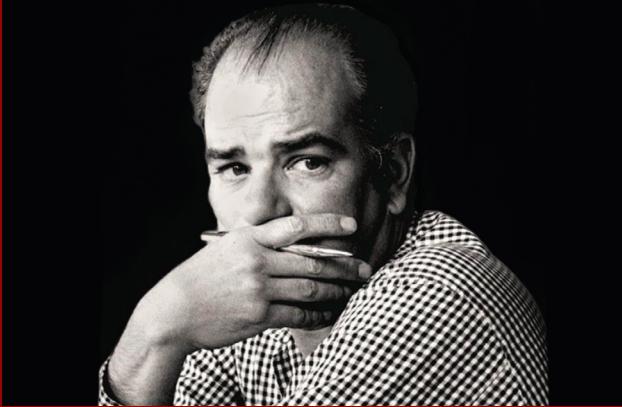
## **NUNO BRAGANÇA** POR **LA SALETTE LOUREIRO**

**25 de NOVEMBRO de 2025**



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA  
*dgARTES*  
DIREÇÃO GERAL  
DAS ARTES





**NUNO BRAGANÇA** (Lisboa, 1929 – Lisboa, 1985) nasceu numa família da alta aristocracia portuguesa. Começou por frequentar o curso de Agronomia, transitando posteriormente para Direito. Praticante de boxe e pioneiro da caça submarina, foi co-fundador do Centro Português de Actividades Subaquáticas. Integrou a equipa do jornal Encontro, da Juventude Universitária Católica, onde publicou os primeiros textos. Foi crítico de cinema, dirigiu o Cine-Clube Centro Cultural de Cinema, foi fundador do serviço Nacional de Emprego. Fez parte do movimento católico progressista, estando na fundação da revista O Tempo e o Modo. Nos anos 60 militou no Movimento de Acção Revolucionária. Assinou o argumento do filme "Os Verdes Anos" (1963), de Paulo Rocha. A partir de 1968 fixou-se em Paris, trabalhando na representação portuguesa junto da OCDE até 1972. "A Noite e o Riso", o primeiro romance, data de 1969, coincidindo com a aproximação às Brigadas Revolucionárias. Em 1970, co-assinou o documentário "Nacionalidade: Português" que abordava a questão da emigração. Regressou a Portugal no final de 1972, colaborando com o grupo de teatro A Comuna. A seguir ao 25 de Abril, foi assessor no Ministério do Trabalho e fez parte do Grupo de Intervenção Socialista. Colaborou com a União de Esquerda para a democracia e Socialismo, publicou artigos no JL, mais dois romances e uma colectânea de contos intitulada "Estação" (1984).

Um dia peguei em uma caneta, em um tinteiro e em uma folha de papel, e fui sentar-me a uma pequena mesa em um pequeno gabinete, e escrevi no alto da folha e em letras grandes:

#### U OMÃI QE DAVA PULUS

Depois chupei o rabo da caneta, que sabia a lavado e a polido, e escrevi por baixo e em letras pequenas o seguinte:

*U omãi qe dava pulus era 1 omãi qe dava pulus grades.  
El pulô tantu qe saiu pêlo tôpu.*

Isto feito, levei o papel ao meu tio Maurício, que estava sempre a ler jornais. O tio Maurício olhou para o meu escrito e foi-se embora com ele sem me dar palavra. Dois dias mais tarde reuniu-se o III Conselho de Família por causa do Pequeno.

Nuno Bragança, in *A Noite e o Riso. Tríptico*, 1.ª edição, Moraes Editores, 1969.

Era uma vez um surdo completamente surdo, um paralítico completamente paralítico e um calvo completamente calvo. Viviam juntos, e de tanto se aborrecerem decidiram partir. A fim de alcançarem o ponto mais distante do mundo puseram-se a caminho a pé, ou seja: o paralítico ia deitado numa maca, porque era tão completamente paralítico que nem sequer se podia sentar, e o calvo e o surdo transportavam a maca. O surdo ia à frente.

A certa altura da viagem foi preciso atravessar uma floresta. Quanto mais os três homens penetravam nela mais o mato era denso e a folhagem cerrada. Por causa disso e do anoitecer, escurecia.

Iam a meio de uma clareira quando o surdo disse: «Poisa a maca.» E deixou de andar, o que obrigou o calvo a parar também. O calvo e o surdo puseram a maca no chão.

E o surdo disse assim: «Esta floresta está cheia de assassinos e malandros. Há já um bom bocado que oiço a restolhada deles.» O calvo respondeu: «Estou em crer nisso, porque sinto que os cabelos se me estão a pôr em pé.» Então o surdo e o calvo desataram a correr, seguindo o trilho que tinham aberto no mato.

O paralítico ficou sozinho na clareira. E ele pensou: «Não gosto de estar nesta floresta. Parece-me que vou mas é fugir daqui.»

Nuno Bragança, in *Directa*, 1.ª edição, Moraes Editores, 1977.